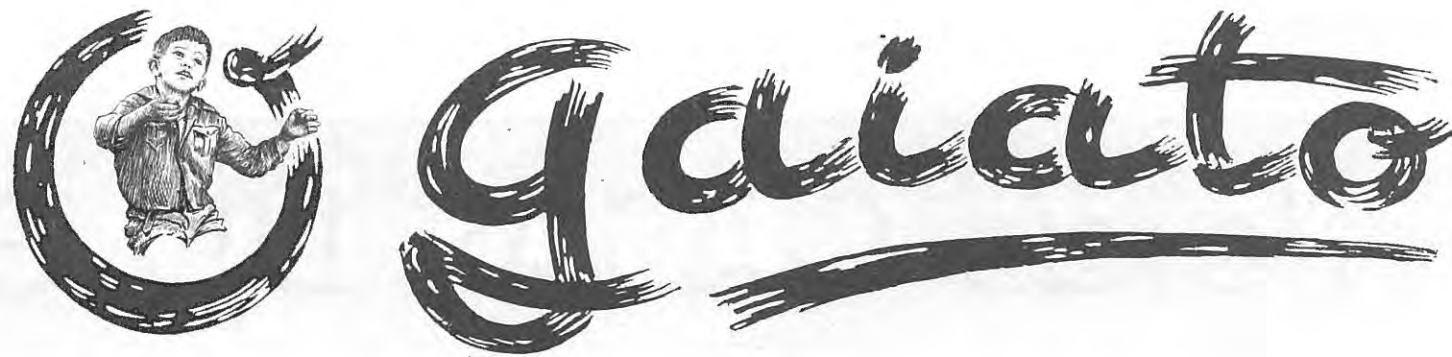




PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL

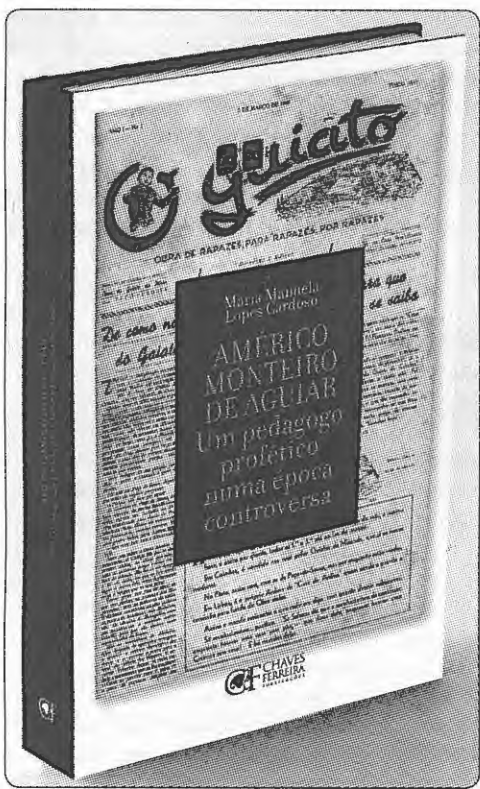


OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro Fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

29 de Setembro de 2007 • Ano LXIV • N.º 1658
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre João Rosa • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239



Actividades Editoriais

A iniciativa não é nossa, mas abraçamo-la com todo o empenho: a edição da tese do Doutoramento que D. Maria Manuela Lopes Cardoso efectuou em Novembro passado na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e que tem por título **AMÉRICO MONTEIRO DE AGUIAR — Um pedagogo profético numa época controversa**.

Naturalmente, a edição em processo de lançamento, uma vez que destinada ao grande público, sem perder nada do rigor de uma tese de doutoramento, é rarefeita de notas e de referências a fontes de informação, indispensáveis no texto académico; e constitui um encontro saborosíssimo com Pai Américo através da reflexão e sensibilidade da sua Autora.

Mas, até porque se não prescinde de

uma apresentação gráfica bela, condigna, trata-se de uma edição onerosa — e só uma ampla tiragem pode permitir um preço de capa o mais modesto possível. A generosa amizade da Autora destina-nos os seus *direitos de autor*. Porém, o único «lucro» que almejamos é a larga difusão do livro que tão bem serve a causa de conservar e dilatar no nosso mundo a força do Espírito que fez de Pai Américo profeta para este tempo. Por isso, pedimos aos nossos Leitores, especialmente aos Assinantes da Editorial d'O GAIATO, que *desde já* reservem a encomenda do seu livro, de modo que, fundados em outras certezas e também nesta, se possa dimensionar a tiragem, dado de que necessariamente resultará o preço a praticar, o qual se deseja — repito — o menor possível. Esta é a vontade do Editor que

comunga plenamente a nossa intenção e tem urgência da vossa resposta.

A capa terá por fundo, como nos mostra a gravura junta, o número 1 d'O GAIATO, a que se sobrepõe a mancha negra onde estão inscritos o título do livro e o nome do Autor.

O texto é de quem procura perceber e dar a conhecer o Espírito de que Pai Américo se deixou possuir para realizar a missão a que foi chamado. E como o Espírito é eterno, o dinamismo que Ele gera é essencialmente imutável na sua profundidade. Que o amor na relação entre os homens só é autêntico o que procede e reflecte o Amor que Deus é.

É consolador constatar esta atracção continuada que Pai Américo desperta nos simples e rectos de coração e também em pessoas cujo *opus* é pensar e sentem fome de Verdade e de Justiça como suportes da vida, aqui e agora, para que seja digna de escrever-se desde já e sempre: Vida.

Padre Carlos

Semana de Pastoral Social

VOLTANDO, ainda, à Semana de Pastoral Social e depois do que escrevemos sobre a conferência de Maria José Nogueira Pinto, mais não faremos que tecer algumas considerações, citando sobre as restantes, tão ricas e interpelantes foram.

Alfredo Bruto da Costa dirigiu-se à vasta assembleia de participantes, de forma conhecedora e profunda, manuseando a «Deus caritas est» com beleza e eloquência, ao apresentar a originalidade da intervenção cristã no domínio social. Este era, aliás, o conteúdo da sua conferência. A sua intervenção foi um óptimo incentivo à leitura e meditação da Encíclica de Bento XVI.

Igualmente interpelante e normativa a de Acácio Catarino, na manhã do último dia da semana: A qualidade na intervenção cristã. Começou o orador por definir «cristão», «intervenção social» e «qualidade». Quanto ao primeiro termo, definiu-o como qualificativo da intervenção dos leigos católicos enquanto inseridos na Igreja e nas realidades terrestres, norteados por uma espiritualidade e compromisso próprios. Relativamente à «intervenção social», disse tratar-se da própria acção social da Igreja traduzida na solicitude cristã, no acolhimento personalizado dos problemas sociais e na procura das respectivas soluções. Esta solicitude brota da Caridade e implica o compromisso fraterno com a felicidade e a bem-aventurança eterna de todas as pessoas e de cada uma...

A seguir, deteve-se, longamente, na noção de «qualidade» definindo-a, na esteira de outros estudiosos, como capacidade de uma organiza-

ção, para atingir os seus objectivos, satisfazendo as diferentes entidades envolvidas, apontando, sempre, para metas mais altas.

Entre os vários requisitos da qualidade, apontou três: o cumprimento de normas, a participação e a proactividade.

Quanto ao primeiro, trata-se de um requisito básico a ter em conta... Do ponto de vista legal, técnico e ético.

O requisito «participação»... abarca especialmente, a transparência, a comunicação interna a todos os níveis, bem como a auscultação nos processos de decisão, diálogo permanente para esclarecimento mútuo, a superação de diferendos e a solução de outros problemas.

Quanto à proactividade, ela tem a ver com a capacidade permanente de iniciativa, a perscrutação do futuro e a adaptação às respectivas exigências. Programar, avaliar e qualificar, são funções da proactividade.

A programação baseia-se na avaliação de períodos anteriores e noutros elementos que desvendem caminhos recomendáveis...

A avaliação tem como centro o presente, perspectivado para o futuro. «A análise do passado é instrumental em relação ao futuro, e nunca se deveria caracterizar, fundamentalmente, pelo julgamento das actividades realizadas».

Avaliação e programação consubstanciam-se na qualificação dos recursos humanos e das próprias organizações... «Quanto mais qualificação melhor qualidade», referiu o conferencista.

Continua na página 3

BENGUELA

É importante a família

VIERAM mais de duzentos casais. Foi um encontro marcado pela Diocese para a nossa Casa do Gaiato. Quiseram a minha presença no momento mais alto desta reunião. Falei-lhes do que levava no meu coração. Em primeiro lugar, a Palavra de Deus daquele Domingo. O Amor gratuito do Pai que nunca se cansa de amar, até ao ponto de dar a vida. Está aqui o fundamento da união matrimonial. E para que se mantenha sempre firme há que renová-lo diariamente com gestos e palavras. Eis o segredo duma vida, em casal, longa e feliz.

É tão importante a família, quer para a sociedade civil, quer para a Igreja! É a célula da sociedade civil. Daí o cuidado primário que deve merecer da parte dos primeiros responsáveis pela vida nacional. Famílias saudáveis, em todos os sentidos, são a garantia duma sociedade equilibrada, justa, fraterna, feliz. O mesmo se pode dizer no que toca à Igreja. A família deve estar no centro das atenções de toda a actividade humana.

Olho, à minha volta, e vejo o campo da família com necessidade urgente de ser preparado, cultivado e acompanhado. O problema da habitação é gravíssimo. Está aqui uma das causas da degradação social, a nível de casal, de filhos, do próprio ambiente. Nada prende o homem e a mulher ao local onde comem e dormem. O mesmo acontece com os filhos. A habitação não tem o mínimo de dignidade e atracção. Os lugares do álcool e da droga são o ímã que prende e seduz. A rua é o espaço, onde os filhos passam a maior parte do seu tempo. Por isso, os filhos da rua aumentam em número e desgraça também. A cura destes males deve buscar-se na raiz. Não é, por exemplo, no internamento destas crianças que ainda têm família, que deve buscar-se a solução. Temos sido procurados, ultimamente, por muitas mães solteiras a pedir-nos um lugar para os seus filhos. Quanto me custa dizer não! Tento outro caminho, na medida

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

PARTILHA — Assinante 11159, de Carvalhosa, oferta de 95 euros.

Assinante 10685, da África do Sul: «Tanto aprecio a leitura d'O GAIATO. Quem como eu vive num país diferente, não calculam como o vosso Jornal é bem-vindo, mesmo de longe, em país tão complicado. Não vos conheço e aprecio a vossa Obra e peço a Deus que vos dê coragem para ultrapassar todas as dificuldades. Envio um cheque».

Cem euros, do assinante 9790, de Perosinho, «unamo-nos todos em oração».

Noventa e cinco euros, «para a Conferência do Júlio Mendes».

De Valbom (Gondomar), José Ventura, 25 euros.

Assinante 73598, de Guimarães: «Todos os homens gostam de viver». E mais: «Estive em Miranda do Corvo e sou, também, grande amiga dos Antigos Gaiatos de Paço de Sousa».

Assinante 39799, de Santo Tirso, com um poema interessante.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Eis o endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

BEM AVENTURADOS OS POBRES — Temos agora uma parte da Escalada, propriedade do Conselho Central da Sociedade de S. Vicente de Paulo.

«Outono é por natureza uma Estação de transição.

Transição do Verão, que foi tempo de maturação e de colheitas, tempo de férias e de despreocupação, tempo de encontros e de desencontros. Tempo sobretudo de maior aproximação com a natureza e com tudo o que constitui o cosmos que habitamos. Nem sempre significa maior preocupação para com o outro!...

Outono é tempo de viragem, caem as folhas, a natureza entra no seu defeso e o homem retempera energias, recompõe-se do esforço e da fadiga e prepara-se para um novo recomeço. É tempo de contemplação e, por isso mesmo, tempo de deitar contas à vida, repensar a existência... Logo surge o Inverno, estação de maior recato e, por via de vários factores, a que nos predispõe mais a pensar no nosso próximo, a ter para com ele atitudes e gestos fraternos, ainda que fugazes, mas gestos...

De permeio surgem os "Santos", tempo de recordação, de nostalgia, mas momento em que lembramos os nossos que já não estão entre nós, que nos marcaram com a sua existência e também com os seus gestos. Momentos em que a santidade mais nos sensibiliza?

Bem Aventurados os que Me servem nos outros, deve ser a divisa que nos impele a um maior e melhor serviço, a uma maior e mais franca disponibilidade, a uma mais sincera e fraterna partilha de vida, sendo au-

tênticos mensageiros da felicidade, da harmonia e da verdade.

Bem Aventurados os que servem, no silêncio e na humildade das suas vidas.

Bem Aventurados...

Que o Senhor nos ajude a perceber o verdadeiro sentido da santidade e nos anime a ser santos, na autenticidade da vida e da comunhão sem reservas.»

M. C. G.



Diogo e Nádia, filhos da Silvia e do Artur («Piasquinha») que foi da Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

PAÇO DE SOUSA

DESPORTO — Tal como tínhamos dito na crónica anterior, os treinos já rolam. E já têm começado melhor! Quando digo melhor, refiro-me com mais humildade e muito mais sentido de responsabilidade. Este ano há quem traga muita areia... nos pés. Não a sacudiu convenientemente, ao deixar a praia. É pena, que os amores (...) de praia tenham criado tantas ilusões!

Uma vez Pai Américo deslocou-se a terras do Sado. Segundo ele, pela mão dos maiorais. Quando entrou no salão, «estava à cunha» — diz ele. E diz mais: «Comecei logo a denúncia do abandono da Criança e acusei os grandes — um trecho de Nuremberg! Ficou tudo magoado. Alguns choravam de dor. No final de tudo, declarei a minha identidade: mostrei a chapa de mendigo — e aqui é que foi!».

Eu costume dizer, e é verdade: Pai Américo é o Maior! Para mim, será sempre o «Homem da capa preta», que não conheci pessoalmente. No entanto, dá-me vontade de perguntar: — porque é que não nos fazemos todos «mendigos» no nosso Grupo Desportivo, para podermos ser um nadinha, muito pequenininho, parecido com ele?! Que bom se os seus filhos lhe seguissem os passos. Ele foi, é, e será sempre Grande, porque sempre se fez pequenino e no meio deles sempre andou.

Seria óptimo, se todos procurás-

semos ser bons, dando com alegria, com firmeza e sobretudo, com humildade, o nosso melhor, ao Grupo Desportivo.

Vamos continuar com os treinos, quer faça chuva, quer faça sol. Apesar de já termos jogos marcados, e haver perspectivas de grandes jogos, vamos andando e vamos vendo! Lá diz o ditado: «Deus só dá nozes a quem não tem dentes». Há tantos, que gostaríamos de estar no lugar destes nossos Rapazes!

Alberto («Resende»)

SETÚBAL

ESCOLA — Acaba de começar e os Rapazes estão contentes, porque vem mais um ano escolar. A D. Isaura, com a ajuda de alguns Rapazes, deu o material necessário para as aulas. Os nossos Rapazes estão separados, no Ensino Básico, em seis Escolas de Setúbal.

LAR — O nosso Lar de Estudantes volta a receber os Rapazes, com algumas caras novas, a fim de terem mais tempo para se dedicarem aos estudos. Este ano vai ser mais complicado para alguns, especialmente para os que vão para o Secundário.

VACARIA — Uma das nossas vacas deu à luz, esta semana, um vitelo enorme. O Miguel, o «Fernandinho» e alguns Rapazes tiveram alguma dificuldade a tirá-lo, devido ao seu tamanho. Mas correu tudo bem e o vitelo já dorme no viteleiro.

DESPORTO — Alguns Rapazes que passaram por esta Casa costumam vir jogar futebol connosco, no nosso pavilhão, aos fins-de-semana. É agradável fazer estes jogos contra antigos Rapazes, pois, assim, divertimo-nos, pomos a conversa em dia e ficamos a saber algumas novidades.

VISITAS — No final do mês de Agosto fomos visitados pelo Padre Telmo que trazia consigo o novo Padre da Obra, o Padre Rafael, que o vai ajudar na Casa de Malanje. Foi agradável esta visita, e o Padre Rafael gostou bastante da nossa Casa.

Daniel Carreira

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DE ÁFRICA

ENCONTRO — Contrariamente aos dias anteriores com muito calor, o primeiro dia do vosso Encontro apresentou-se enevoado, o que é normal nesta zona marítima, do Norte do País.

Alguns, chegaram de véspera para, com mais tempo, recordar, conversar e, até, fazer uma visita ao mar.

Ao longo do dia, foram chegando mais e, como previsto, chegaram também os nossos Padres Telmo e Carlos.

Pelas 19h30, não foi preciso tocar a sineta para nos abeirarmos da Capela, onde participámos da Eucaristia, celebrada pelos nossos Padres, os mesmos que, em 1963, juntamente com Padre Manuel António, levaram alguns dos ali presentes para lançar a Obra da Rua em África, fundando as Casas do Gaiato de Malanje e Benguela — mais tarde, como sabem, outros rumaram a Moçambique.

Na homilia, Padre Telmo enalteceu os nossos Encontros, como sendo a prova maior da vivência da Obra da Rua. É com estes Encontros que mostramos, ao mundo que nos rodeia, o quanto foi bom e frutuoso termos encontrado uma Casa do Gaiato para viver.

Padre Telmo deixou-nos um convite: «Se algum de vós quiser visitar Malanje, recebo-vos de braços abertos».

Obrigado pelo conforto e paz que nos deu com a sua presença.

Pai Américo está sempre connosco em todas as horas de nossa vida e é nele que encontramos o Amor e a Paz que, tantas vezes, precisamos.

Não conseguimos superar as expectativas; esperávamos muitas mais presenças.

Para os que não puderam estar, por motivos de saúde, casos do Manuel Fernandes e da esposa do Zé Luís Pinheiro, vão os votos de melhoras e que no próximo Encontro apareçam com mais força.

A alguns, só os vemos por esta altura e é bom ver a família crescer.

Os organizadores deste ano, Quim Vieira e João Morato, estão de parabéns, pois tudo estava óptimo.

No próximo ano, em Sintra ou Arrábida (como ficou decidido em Assembleia), o Tomás e o Manuel («Barrigas») lá estarão, para nos proporcionarem mais uns bons momentos.

Não posso deixar passar em branco o feito alcançado pelo nosso colega e amigo David («Golias»), doutorado recentemente.

Todos nós, Gaiatos, de todas as Casas, sabemos o que isso representa para um irmão nosso.

Esperamos que na nova vida encontres tudo de bom e temos esperança de um dia, ver-te nos nossos Encontros.

João Evangelista

PADRE RAFAEL — As Casas do Gaiato ficaram mais ricas com a entrada do Padre Rafael na Obra da Rua.

Os Padres da Rua são o motor imprescindível na educação dos Rapazes e na ajuda contrastada às populações mais pobres e doentes que circundam as Casas do Gaiato, principalmente em África, não é fácil encontrar Sacerdotes disponíveis para tão nobre missão.

A Obra da Rua entregou Padre Rafael à Casa do Gaiato de Malanje. Padre Telmo andava carecido desta grande ajuda. O Lar, em Luanda,

diste quatrocentos quilómetros e estão lá Rapazes a estudar em cursos superiores, outros em formação profissional, com acompanhamento dificultado; assim, tudo fica mais facilitado no final educativo destes Rapazes.

Padre Rafael, de nacionalidade espanhola, entregou-se à Obra da Rua sabendo das dificuldades que vai encontrar na condução de crianças da mais verde idade até poderem ter uma vida capaz de, profissional e economicamente, se sentirem adaptados para enfrentarem a vida como ela desponta, ou após formarem a sua própria família.

Na autêntica organização familiar, os pais também só deixam os seus filhos saírem rumo à própria vida quando estão devidamente organizados. Assim é a doutrina de Pai Américo, e sempre acontece desde que existem as Casas do Gaiato.

Nós, antigos gaiatos, somos testemunhas da educação e cuidado que os Padres da Rua defrontam no quotidiano, para poderem fazer frente às dificuldades das dezenas de Rapazes que educam com tanto carinho, sabendo quando necessitam de médico ou da forma como eles se conduzem nas escolas onde estudam. Mesmo depois de estarem fora, com vida própria, quando algo errado acontece estão sempre dispostos a ajudar a ultrapassar essas partidas que a vida, por vezes, exhibe.

Padre Rafael pode contar com a amizade de todos os antigos gaiatos. Não pretendemos acarinhá-lo, mas vamos reconhecer, com muita alegria, todo o esforço que tiver com as crianças abandonadas, os mais pobres e os doentes desamparados.

O nosso muito obrigado por aceitar fazer parte desta grande família.

CASAS DO GAIATO DE ÁFRICA — Cada Casa do Gaiato tem actividades personalizadas e nenhuma é igual na sua orientação económica e humanitária. Em África a sua indicação é mais perceptível porque as dificuldades das populações são diferentes, o que individualiza ainda mais a actividade de cada Casa.

A Casa do Gaiato de Moçambique, com Padre Zé Maria e Irmã Quitéria, procura que as populações circundantes tenham situações adequadas para poderem viver com alguma dignidade. Não são as grandes tempestades que inundam os campos, ou as estiagens prolongadas, que travam esta luta pelo bem-estar de todos. Não se trata de caridade, mas, sim, da liberdade que todo o ser humano reclama, para permitir olhar, de frente e com alegria, o quotidiano. A saúde das populações mais necessitadas é a grande preocupação.

A Casa do Gaiato de Benguela, com Padre Manuel António e Padre Custódio, teve que optar pela cultura do algodão, para dar trabalho às populações vizinhas. Os pedidos de chapas de zinco, para cobrir as habitações dos cidadãos, já é habitual, mas o que mais amargura é as populações solicitarem madeira, para fazerem umas,



Semana de Pastoral Social

Continuação da página 1

Ao falar da qualificação, o conferencista, assinalou duas classificações: uma, quanto aos sujeitos agentes da qualidade; e outra, que respeita aos domínios da qualidade. A este propósito disse: «os cristãos devem procurar a qualidade em todas as instâncias e domínios».

À qualidade da acção social na perspectiva cristã impõe-se o princípio da universalidade, princípio que brota da catolicidade; isto é, do acolhimento, do conhecimento solidário traduzido em participação activa na procura de soluções.

Outros dois princípios a não descurar são: o princípio da radicalidade... (intervenção imediata e profunda nas respectivas causas), e o princípio da cooperação com outras entidades envolvidas na busca das soluções.

A terminar, o conferencista deixou três propostas no horizonte, detemo-nos na última, aquela a que ele denominou de «testemunho edificante... dos cristãos nas diferentes situações em que se encontrem».

Classificou este testemunho implicativo com «as actuações de qualidade» que apontem para «uma imagem pública favorável; quando falha a actuação de qualidade, falha o testemunho, ainda que se exhiba uma imagem positiva; quando falha a imagem, mesmo que a actuação seja de qualidade, o testemunho não deixa de existir em si mesmo, embora não seja reconhecido, pelo menos na aparência e no curto prazo. A imagem negativa pode resultar de actuações incorrectas ou da não visibilidade dos aspectos positivos da acção realizada, ou ainda de deturpações, e até calúnias, praticadas por outrem ou pelos meio de comunicação, formal ou informal. A este propósito, é deveras paradigmático o exemplo de Cristo que foi 'sinal de contradição' e, portanto, não viu reconhecido o seu testemunho por uma parte significativa da população».

No domínio da solução concreta dos problemas sociais, importa manifestar um testemunho de comunhão interna, procurando entendimentos através do diálogo fraterno; «nenhum grupo cristão detém o exclusivo da doutrina social nem do julgamento das posições de outrem».

A este propósito, o conferencista apontou dois contra-testemunhos, bastante difundidos entre nós — disse. Fixámo-nos principalmente no primeiro que consiste «na falta de solidariedade para com as instituições sociais da igreja atingidas por denúncias graves difundidas pelos meios de comunicação. Perante essas acusações, as comunidades cristãs parecem oscilar entre dois extremos: ou uma defesa incondicional, como se as instituições em causa fossem absolutamente perfeitas; ou a marginalização das mesmas, dando como certa a acusação sobretudo quando se verifica a intervenção do poder judicial». Em contraposição a este radicalismo, «há que reforçar a solidariedade interna, reconhecer a existência de imperfeições, não rejeitar as acusações justas ou injustas, aproveitar a respectiva eclosão para o reforço da procura da melhor qualidade possível».

Por fim, «a qualidade total, assim como a perfeição é inalcançável, embora constitua um imperativo inalienável para todos nós; perante as imperfeições e acusações, há que reforçar a solidariedade interinstitucional e melhorar a qualidade; nalguns casos, poderá justificar-se a opção por uma qualidade considerada inferior à 'oficial', ou diferente. Na base de tudo, impõe-se-nos contribuir activamente, em cada momento, para a qualidade possível e para a 'prefiguração do mundo futuro'».

D. Carlos Azevedo fechou a semana apontando os magníficos e sempre actuais exemplos de alguns santos que souberam, de forma magistral, em várias períodos da História da Igreja, pôr em prática o tema desta semana social.

Padre João

Benguela

Continuação da página 1

do possível, ao meu alcance. O trabalho é uma fonte de recuperação. A alimentação é outra. O acompanhamento é o segredo da perseverança.

São dezenas de famílias que batem à nossa porta à busca de ajuda para a compra de materiais de construção. Por minha vez dou voltas a ver se encontro quem me dê as mãos. Não quero ver as ruas cheias de crianças vadias, porque não têm um cantinho para ficar.

Não posso ver as mães, com seus filhos às costas e outros agarrados às suas mãos, à mercê dos salteadores da dignidade humana, porque não têm onde reclinar o seu corpo. Na próxima semana, se Deus quiser, muitas casas pobres, mas com o mínimo necessário para a capacidade desta gente, ficarão servidas.

Outro problema grave que partilhei com os casais foi o das progenitoras adolescentes, sem o mínimo de preparação para ser mães. Pedi aos casais que intervissem,

para sepultarem os seus entes queridos com alguma dignidade.

A Casa do Gaiato de Malanje, com Padre Telmo, mesmo depois da sua reabertura, sofreu os horrores da guerra, como nada tinha para dar, percorria as ruas e bairros da cidade, sem coletes à prova de bala, a confortar os que sofriam e a retirar as crianças de uma morte antecipada. Agora, com mais paz, procura, na agricultura e

pecuária, dar trabalho às populações vizinhas, para que possam viver com um pouco mais de nobreza.

Também nas ruas de Coimbra, Pai Américo encontrou na «Sopa dos Pobres» muitas crianças abandonadas, acarinhando-as nas «Colónias de Campo do Garoto da Rua» e, assim, fez nascer o que são, hoje, as Casas do Gaiato.

Manuel Fernandes

até ao limite das suas possibilidades, para ajudar a estancar este mal gravíssimo. A começar pelos seus próprios filhos e filhas. E através deles e delas, possam chegar aos outros e outras. Há um perigo que é necessário prevenir: considerar natural e normal que assim aconteça. É a demissão duma responsabilidade que tem consequências desastrosas.

O amor aos filhos, dando a vida por eles ao longo dos dias, é a fonte única de crescimento em equilíbrio e segurança, de que tantos necessitam as crianças. Há dois dias, o nosso pequenino, de 7 anos, o José Afonso caiu doente. Levei-o de urgência ao hospital. Era um ataque de paludismo. Foi tratado com tanto carinho que já está bom de saúde. Quando se levantou, disse à Irmã que estava junto dele: «Quero que o senhor Padre venha ver-me, porque agora eu sei que gosta muito de mim». Estes filhos são como os vossos filhos também. É o carinho, traduzido em gestos e palavras, que dá felicidade aos filhos, enquanto crescem.

Padre Manuel António

DOCTRINA



«Obras desta natureza não podem sofrer peias burocráticas»

FOI no meio do quartel do ano de 1943 que se deu começo às primeiras casas do aglomerado que hoje se chama a Casa do Gaiato do Porto. Começámos com trezentos contos, que na Arcada nos deram a título de esmola, com a declaração verbal, e depois escrita, de que «obras desta natureza não podem sofrer peias burocráticas». Não são palavras nossas, mas estão arquivadas na correspondência da Casa.

NOS anos seguinte de 44 e 45, recebemos iguais subsídios em iguais circunstâncias. No ano de 1947 recebemos, além daquele mesmo subsídio, mais cem contos que o então Ministro das Obras Públicas nos quis trazer no dia em que veio assistir à bênção da Capela e inauguração da Aldeia. Nos primeiros meses do ano corrente (1947), o actual Ministro das Obras Públicas, depois de uma visita que fez às obras, despachou tal qual os seus antecessores.

DE sorte que, feitas as contas desde o início das obras até à data, o Fundo do Desemprego concorreu para elas com a soma de mil e seiscentos contos. Muito bem. Coisa muitíssimo importante. Não fora este auxílio e que poderíamos nós ter feito daquilo que já fizemos? Mais. Não fora ele prestado com aquelas facilidades, quem pudera arrostar com as dificuldades?

A Aldeia está povoada com cento e cinquenta almas. Não vale a pena encarecer nem enaltecer. Não é necessário. Os gastos gerais, até à data, sobem a quatro mil contos e quê. Os dois mil e quatrocentos contos que faltam não são uma dívida da Casa. Foram cobertos pelo Povo. Dinheiro que o Povo aqui trouxe, outro que eu tenho ido buscar a casa dele. O certo é que a gente não deve nada a ninguém. Andam, assim, de braço-dado, o Estado mai-la Nação pelas ruas da nossa Aldeia.

— Diga-nos uma coisa: o Estado tem concorrido, não é verdade?

Eis a pergunta quase sacramental dos visitantes aos quais eu, por acaso, falo.

— Concorre, sim senhor. Tem concorrido.

E aqueles que nunca perguntaram, ficam agora a saber, por estas regras, quanto e como o Estado tem concorrido. O Povo gosta de ouvir dos meus lábios que o Governo dê. E se me fora dado falar a um tão alto poder, gostaria também o Governo soubesse que o Povo tem dado. A Pátria quer os seus filhos — os da Rua também.

CHOREI aqui, ao ler a sentença no processo de um Abandonado de cinco anos, vinda de uma Comarca, dada por um Magistrado: — «Não temos abrigo nem verba». A burocracia a condenar a trabalhos forçados um português inocente! Mas temos nós uma coisa e outra. Um dia que por cá venhas e eu esteja, pergunta pelo «Formiga». E hás-de chorar de contente, por sentires ao pé de ti o bafo de dezenas e dezenas de *formigas* para os quais não havia abrigo!

Padre António

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

SETÚBAL

Sobre o nascimento de Pai Américo

A PROXIMANDO-SE a data de 23 de Outubro, em que se completarão 120 anos sobre o nascimento de Pai Américo, um grupo de Amigos resolveu, connosco, tomar a iniciativa de trazer ao conhecimento das gerações mais novas, a sua figura e Obra.

Padre Américo apaixonou e marcou a vida de muitos e muitos dos seus contemporâneos, alguns ainda nossos, desde os Rapazes das nossas Casas aos jovens por ele despertados para um ideal de bondade e fraternidade, fazendo crescer neles a sede de Absoluto; desde os Pobres e os que sofriam nas suas mansardas aos que possuindo bens os despejavam em sua capa de recoveiro dos Pobres; desde os que se inquietavam na sua missão de serviço à Igreja aos que recusavam a Fé num Deus escondido na poeira das sacristias.

Muitos falamos dele sem o termos conhecido pessoalmente;

é também verdadeiro o nosso testemunho, fundado no conhecimento d'O impulsor dos seus passos, na origem incomum das suas intuições; na força de atracção da sua palavra que suas obras confirmavam, no poder de purificar e renovar a verdadeira relação com Deus e com os homens, qual espada de dois gumes que era a sua vida.

Para muitos outros, hoje, Pai Américo é um desconhecido. E, porque testemunho tão valioso do Deus amor em que acreditamos, a Quem o Homem procura ainda que o não saiba, tem de continuar a acicatar em nós a sede salvadora de fome e de justiça que o apoquentou a ele em sua vida.

A novidade da sua palavra e Obra é uma constante, pois tem a sua origem na permanente Boa Nova de Jesus Cristo. Ela é o fermento que, sendo menor em quantidade no conjunto da massa, é o que a esta dá quali-

POR feliz acaso, fui ter à festa de Santo Antão no Poço da Barca do rio Sabor. Na descida — montes e montes... Fui mastigando cada um até ao tutano! Já tinha saudades. Na Missa, dois jovens irmãos e sacerdotes que abracei. Fiquei feliz: Há muito que não tinha visto um sacerdote jovem. Deus pode fazer das pedras filhos de Abraão e pode fazê-los sacerdotes... Falta-nos fé.

Começou a santa Missa. Notei que os homens continuaram a beber cerveja, os jovens a passear no recinto e um pequeno grupo deu atenção. «E se houver só dez justos vais escacar a cidade?» «Se houver dez justos não a destruirei.»

Sinto muita pena e mesmo dor por só haver dez justos na cidade...

Passou a noite e foi Domingo: no grande «super», uma multidão; os olhos ávidos no «deus consumo»; as mãos trémulas nas prateleiras da oferta; os sacos cheios nas filas do pagamento. Não vi um sorriso, somente olhares preocupados e rostos tristes. O «deus consumo» não vende alegria. Depois, no grande estádio do rei: agitação, nervos na pele, palmas, gritos e braços caídos, porque perdeu a equipa da Nação. A multidão saiu com certa satisfação por ter rendido culto a outro deus.

Nas praias da cidade, outras multidões. É meio-dia. Nas igrejas, onde uns 2% prestaram culto ao Deus Único, o vazio e o silêncio. As famílias reúnem-se para o almoço. Há alegria no encontro. Bonito! Porém, a televisão, este deus cioso, atira

dade e a capacidade de crescer. A morte, o passar do tempo, não têm poder sobre o que nasce pelo querer da Eternidade.

É com este querer que lançamos as mãos, não só a uma

comemoração aniversária, mas, mais do que isso, ao lançamento de um desafio aos que conheceram ou não Pai Américo dos gaiatos, no dizer do Povo simples, para que o testemunhem

ou descubram, desafio este cujas linhas de força iremos trazer no próximo número deste que foi, digo eu, o seu segundo lugar de Oração.

Padre Júlio

MALANJE

Reflectindo

para a grande mesa os lances mais vistosos da partida.

— *Esquecemos o Deus Único* — disse-me uma velhinha de 90 anos.

— Esperemos Sua infinita Misericórdia.

Mas, é bem certo que estamos no caminho errado.

Depois destas férias, regresso a Angola, a nossa Casa do Gaiato de Malanje. Vai, comigo, o Padre Rafael, de Espanha, que se entregou à Obra da Rua. Padre Rafael vai encontrar um grupo empenhado de sacerdotes, Irmãs e leigos da sua pátria. Eu, somente um sacerdote e duas irmãs... Três portugueses num grupo de sessenta. Até na área das vocações os nossos passos ficaram empapados na lama. Uma tristeza!

Agradeço a todos os Amigos que nos deram uma ajuda para o leite dos nossos meninos. Se alguém esqueceu, a nossa direcção é simples: *Casa do Gaiato, Malanje, Angola.*

Padre Telmo

MOMENTOS

São assim os Pobres

ERA a meio da manhã. O sol ainda não rompera o cacimbo — neblina matinal própria desta época do ano, em Malanje.

Três homens trabalhavam comigo, ajudados pelos Gaiatos, na construção do túnel que serve a comporta de uma represa de água que irá regar duas extensas encostas da nossa propriedade.

A falta de prática e de meios multiplicavam as dificuldades.

Urgia que um homem entrasse, de rastos, no longo e estreito túnel, para despregar uma tábuca de cofragem que ficara pegada ao cimento.

O túnel dera escoagem à água, durante a noite, até chegarmos, de manhã, e a sustermos com uma pequena tapada de terra, em semi-círculo, à boca do túnel.

O chão, do referido túnel, estava encharcado e todo o ambiente era de humidade!...

— Vais lá, Alex?!...

O nosso homem olha para a t-shirt limpa que o cobria e encolheu-se um pouco:

— *Sujo-me todo e não tenho mais nada para vestir!*...

A roupa, aqui, é uma preciosidade e poucos têm mais que uma muda!

Nisto, o Vidal, que envergava

uma muito suja, despe-se, decididamente, e entrega-lha:

— *Leva a minha e poupa a tua!*

O Vidal ficou em tronco nu o dia todo, e o Alex, tendo aceitado a heróica oferta, penetrou no túnel, despregou e trouxe a tábuca!

Estremeci!... A generosidade dos Pobres toca as raízes do heroísmo!...

Cada vez gosto mais deles! Descubro, muitas vezes, em cada um o encantador rosto de Jesus! E este momento foi um deles!

Catanguês é outro companheiro. Pessoa sem qualquer instrução escolar, mas inteligente, trabalhador e intuitivo.

O seu nome é outro. Nunca lhe chamo pela alcunha, pois me lembra, sempre, essa figura gigante que deu a sua vida pelos leprosos, nas ilhas de Molocai: — Damião. O seu nome é Damião Figueira.

Finalmente aprendeu a podar as mangueiras. Nunca, na sua vida, tinha confeccionado massa de cimento. Aprendeu à primeira vez, a modo de fazer as misturas manualmente, e jamais aldrabou, como outros, o processo.

Em vários dias foi necessário prolongar a hora de terminar o trabalho, porque a técnica o exigia. Estava sempre pronto e contente com a magra compensação.

Num desses finais de dia, já eu me havia despedido — eles ficavam a tomar banho na referida represa — ouço atrás de mim:

— *Sô Padre, sô Padre!*...

Volto-me:

— Que queres?

— *Não me dá um bambu, daqueles que cortámos, para sustentar a palha da cobertura da minha casa?*

— Oh homem, leva os três!...

Bambu é uma cana grossa, leve, comprida e resistente.

Temos dois tufos delas junto à água, os quais dão ao ambiente uma frescura e beleza originais.

— Oh Damião, vou levar-tos a casa! Trá-los para o *Land Cruiser*.

Fui também lavar a cara e as mãos e dar um jeito aos restos de cabelo para, de seguida, ir celebrar o Mistério Santo.

Chego e vejo só um bambu atado com um pano à grade protectora da cabine do veículo.

— Não levas os três?

— *Ah, nós dividimos, uma para cada um!*...

São assim os Pobres.

A noite, aqui, cai repentinamente, as trevas invadem tudo e se a lua dorme a escuridão é densíssima.

Estávamos na estrada principal, andámos dois quilómetros e voltámos à esquerda até Camisais, aldeia onde o meu amigo ergueu, com adobes de terra, a sua casinha.

Pelo caminho, íamos conversando:

— Quantos filhos tens?

— *Três, duas meninas e um menino.*

— Quero vê-los e à tua mulher também.

Mal chegámos, saíram para fora da casa, ao nossos encontro. A esposa trazia um bebé ao colo e as meninas, ainda pequenas, passaram-lhe à frente, ao encontro do pai.

A mais velha, encostou-se à minha coxa esquerda e não me largava. A do meio, com dois aninhos, caiu na cova donde tiraram a terra para fazer os adobes da casa, e nunca mais se calou com o susto!...

A mãe, veio beijar-me, muito carinhosa!

Em poucos segundos ficámos rodeados de uma multidão enorme de crianças, jovens e adultos, homens e mulheres que saíram das suas casas, atraídos pela luz e curiosos da presença inesperada.

Que alegria!... No meio de tanta pobreza!...

Todos me queriam ver e adivinhar o porquê da minha visita, àquela hora.

— *Veio trazer o Catanguês!* —

Gritou alguém. Chegou para satisfazer a curiosidade!

Pouco tenho viajado. Não me atraem as grandes cidades nem seus monumentos; a não ser a miséria escondida que poucos vêem, mas aquela multidão, reunida à volta do carro, de luzes acesas, vinda de todas as casas vizinhas, na simplicidade natural das pessoas, encheu-me a alma.

Estava apressado. Tinha gente à minha espera para a Celebração, mas aquele momento atraía-me!

Uma belíssima preparação para me encontrar com o Senhor na Eucaristia.

Padre Acílio

PENSAMENTO

Nunca os olhos viram nem os ouvidos escutaram nem o coração dos homens é capaz de sentir o que Deus tem guardado.

PAI AMÉRICO